
INFLUÊNCIAS SÓCIO-FILOSÓFICAS NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO SOCIOAMBIENTAL DE ENRIQUE LEFF

Autores: Nirvana Cordeiro do Nascimento Ramos; Patricia Miradola-Garcia. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Brasil. nirvana.cordeiro@hotmail.com

Tema. Eje temático 4.

Modalidad. 2. Nivel educativo universitario.

Resumo: O trabalho presente mostra como os filósofos, Michel Foucault, Max Weber e Karl Marx exerceram influência no ensaio *As Aventuras da Epistemologia Ambiental* de Enrique Leff, que é uma reflexão sobre seu livro *Epistemologia ambiental*. Para tanto, foram consultadas as obras, *A Arqueologia do Saber*, *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo* e *O Capital*, e realizada a interpretação das diferentes passagens do ensaio utilizando-se da metodologia de Análise de Conteúdo e a relação que seus escritos mantêm com as ideias dos autores que serviram de base para a análise. Foi possível identificar que a *Epistemologia Ambiental* e a interpretação da crise ambiental moderna descrita no texto de Leff, tem seu alicerce nas leituras que foram eleitas para realização desse estudo.

Palavras-chave: Epistemologia Ambiental. Racionalidade ambiental. Capitalismo.

Introdução

Enrique Leff Zimmerman é Sociólogo ambientalista, doutor em Economia do Desenvolvimento na França e em Filosofia no México e um dos principais intelectuais Latino-americano no âmbito da problemática ambiental, professor da Universidade Autônoma do México e de nacionalidade mexicana o autor é pioneiro nos campos do ecomarxismo, da Epistemologia Ambiental e da ecologia política, daí a importância de entender a formação do seu pensamento e a sua avidez em explicar a crise ambiental desde a origem, no mundo em que a tradição do pensamento filosófico advém de pensadores europeus, é necessário aproximar nosso contexto e realidade socioambiental da América Latina, em que Leff com seus mais de 30 livros sobre o tema contribui para esta finalidade.

Busca-se, por meio da abordagem ambiental, o desenvolvimento de uma pesquisa de análise documental com o objetivo de identificar na produção textual de Enrique Leff o viés interdisciplinar que caracteriza sua concepção de Epistemologia Ambiental com a finalidade de elucidar a relação entre a sociologia, o saber ambiental e a Racionalidade Ambiental. Em seus estudos ele discute a concepção de Epistemologia Ambiental desde o pensamento cartesiano até o ideal do ecomarxismo que fundamenta o pensamento do autor na atualidade.

A concepção do termo Epistemologia Ambiental nos remete a ideia de estudo, entendimento e formação do pensamento crítico que as questões ambientais requerem. A construção do saber ambiental implica uma desconstrução do conhecimento disciplinar, simplificador, unitário (Leff, 2009). O pensamento ambiental não se configura no estudo de disciplinas, fatos ou autores isolados, mas no modo interdisciplinar de ser analisado, quando se fala, por exemplo em Crise Ambiental ocasionada pelo modo de produção do capitalismo é possível relacioná-la com a crise do conhecimento defendida por Leff e a Racionalidade Ambiental, termo que pode ser entendido com a análise do advento da Revolução Industrial.



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la
formación de profesores.

O ensaio, *Aventuras da Epistemologia Ambiental*: da articulação das ciências ao diálogo de saberes (Leff, 2006) foi escolhido como texto base de análise do presente trabalho no qual se buscou identificar algumas das obras e autores que auxiliaram na conformação do pensamento crítico de Leff, desde a Epistemologia Ambiental até, ao que o autor chama, à Crise Ambiental, na atualidade. O texto está organizado em três seções de trabalho, na primeira parte mostramos a influência do filósofo francês Michel Foucault (1929 – 1984) por meio da obra *A Arqueologia do Saber* (Foucault, 2008) na construção do termo Epistemologia Ambiental.

Na segunda parte, a reflexão discutirá como a obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* do sociólogo alemão Max Weber (1864 – 1920), (WEBER, 2001), contribuiu para a compreensão de Enrique Leff sobre as relações de dominação da natureza e a consolidação do capitalismo como modo de vida ideal da sociedade cristã. E por último se discutirá os pontos de contato da Epistemologia Ambiental com o livro *O Capital* do filósofo, sociólogo e economista alemão Karl Marx (1818 – 1883) (Marx, 2009) no qual identificamos as reflexões do autor sobre os danos ambientais e a expansão do modo de produção capitalista.

Epistemologia e saber ambiental

Epistemologia (do gr. Episteme: ciência, e logos: teoria) Disciplina que toma as ciências como objeto de investigação tentando reagrupar: a- a crítica do conhecimento científico b) a filosofia das ciências c) a história das ciências, Japiassú & Marcondes (2006). Sendo a Episteme definida por Foucault (2008) como: não significando uma forma de conhecimento, ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito ou de uma época; é o conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível das regularidades discursivas (p. 214). A descrição da episteme apresenta, portanto, diversos caracteres essenciais: abre um campo inesgotável e não pode nunca ser fechada; não tem por finalidade reconstituir o sistema de postulados a que obedecem a todos os conhecimentos de uma época, mas sim percorrer um campo indefinido de relações.

No campo da Epistemologia Ambiental Leff (2006), define o termo como uma aventura do conhecimento que busca o horizonte do saber, nunca o retorno a uma origem da qual parte o ser humano com sua carga de linguagem; é o eterno retorno de uma reflexão sobre o já pensado (p. 5).

A análise da episteme é a análise das formações discursivas, das positivities e do saber, em suas relações com as figuras epistemológicas e as ciências, possibilitando a distinção das outras formas de história das ciências (Foucault, 2008, p. 214). Em antagonismo ao saber positivista que tinha somente nas ciências positivas a valoração do conhecimento, considerando dessa forma a natureza como objeto de subordinação ao homem. Surge nos escritos de Leff (2006), a Epistemologia Ambiental que avança para pensar sobre o conhecimento, considerando dessa forma a natureza como objeto de subordinação ao homem. Surge nos escritos de Leff (2006), a Epistemologia Ambiental que avança para pensar sobre o conhecimento ambiental na ordem de uma política de diversidade e diferença, rompendo o círculo unitário do projeto positivista (p.7).

Episteme, segundo Foucault (2008), também se caracteriza como o conjunto das relações que unem, em uma dada época, as práticas discursivas originando as figuras epistemológicas e as ciências, em que se situam e se realizam as passagens à epistemologização, à cientificidade, à formalização (p. 215). Para Leff (2006), a Epistemologia Ambiental abre caminho para um novo saber, que busca a verdade (p. 13), (significado de verdade para Enrique Leff: utopia carregada de significado, construída confrontando os limites e potencialidades do real; na compreensão de um mundo não predeterminado; na conformação dos mundos da vida a partir de uma diversidade de sentidos que implicam a reconstituição de estar em um



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

Bogotá, 13 a 15 de octubre de 2021
Modalidad On Line – Sincrónico

tempo complexo (Leff, 2004, p. 245), o conceito e o real. Para Leff (2004) o real pode ser definido como: inclusão da natureza, apreciação da cultura, valorização do outro e aceitação das diferenças), do projeto de unificação forçada do ser e do conhecimento, da vontade de objetivar a realidade e tornar o mundo transparente.

Foucault (2008) denomina de saber ao conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência (p. 204). Já Leff (2006, p. 8) diz que o conhecimento ambiental é construído no encontro de cosmovisões, racionalidade e identidades, na abertura do saber à diversidade, questionando a historicidade da verdade e abrindo o campo do conhecimento à utopia. O saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas (Foucault, 2008, p. 205). Dessa forma, a configuração do saber ambiental emergente está ligada aos processos de reavaliação e reinvenção das identidades culturais, práticas tradicionais e processos produtivos das populações urbanas, rurais e indígenas; oferece novas perspectivas para a reapropriação subjetiva da realidade e abre um diálogo entre saberes e conhecimentos no encontro entre o tradicional e o moderno (Leff, 2006, p. 21).

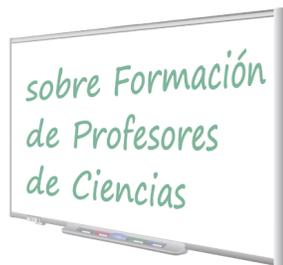
Nas expressões de Leff, percebemos a necessidade humana de repensar as condutas mantidas frente aos bens naturais, a ecologia e as relações socioambientais que mantemos, é imprescindível pensar o mundo na diversidade para alcançar a vida sustentável, regressar aos valores culturais e ecológicos esquecidos no mundo contemporâneo do capital e do consumo.

A problemática ambiental vem para questionar o pensamento e a compreensão do mundo, a ontologia e a epistemologia com a qual a civilização ocidental entendeu o ser, as entidades e as coisas; a ciência e a razão tecnológica com as quais a natureza foi dominada (Leff, 2006, p. 25). Sobretudo no capitalismo, a relação homem-natureza é vista de forma independente, onde a natureza é convertida em proveito e o reconhecimento da importância e significado das suas leis são perdidos. O ser humano representa a si mesmo como centro e a totalidade de toda a existência considerando os recursos naturais como objetos inertes, disponíveis para serem manipulados e utilizados indiscriminadamente.

Racionalidade e a origem da crise ambiental

Para Sossa (2009), a ética protestante ajudou no desenvolvimento do capitalismo, devido a que em ambos os fenômenos se promove a racionalização como um meio para alcançar, seja eficiência, eficácia ou a salvação. A crise ambiental surge questionando a racionalidade e os paradigmas teóricos que impulsionaram e legitimaram o crescimento econômico, negando a natureza (Cembranel, 2015). Antagônico a esse termo Leff (2006) nos apresenta a Racionalidade Ambiental como as diferenças e conhecimentos de cada ser humano, originando uma forma de pensar o ambiente de modo racional, valorando a natureza e os recursos naturais como parte da vida, buscando a sustentabilidade como objetivo social e político para o bem comum (p.17).

A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo (Weber, 2001), obra clássica da sociologia, viu na espiritualidade protestante o terreno fértil que favoreceria o desenvolvimento do capitalismo. Em que os católicos tendiam a permanecer no artesanato, tornando-se mestres artesãos com frequência, já os protestantes afluíram sobretudo para as fábricas para ocupar os escalões superiores do operariado qualificado e dos postos administrativos. Nesse livro, Weber (2001, p. 23) compara o protestantismo que interpreta a Bíblia afirmando que o homem deve possuir riquezas e bens materiais como sinônimo de bênção divina enquanto no catolicismo se prega a indiferença pelos bens materiais.



Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en
nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la
formación de profesores.

Encontramos um contexto em que o ser humano vive em função do ganho, não mais o ganho em função do ser humano, numa conduta de vida irracional em que se existe para o seu negócio e não o contrário, (Weber, 2001, p. 33). Com a predestinação já não existia a possibilidade de salvação por sacramentos, a alternativa era adotar uma prática de vida reta na qual o trabalho naquilo que lhe foi confiado por Deus, a sua vocação, era a única forma de manifestação da glória divina (Basso, 2006). É neste momento que surge o racionalismo, um conceito histórico que encerra um mundo de contradições, de pensamento e de vida “racional” da qual resultaram a ideia de “vocação profissional” e a dedicação de si ao trabalho profissional, tão irracional (Weber 2001, p. 49). Ainda para Weber (2001) a ordem econômica capitalista precisa dessa entrega de si à “vocação” (origem do elemento de irracionalidade) de ganhar dinheiro. Segundo Basso (2006), a riqueza e a sua aquisição seriam males se fosse para o gozo da vida no ócio com o propósito de uma vida despreocupada, mas como desempenho do dever na vocação, é permissível moralmente, como realmente recomendada. Não se importar com riquezas, ou até mesmo ser pobre, era comparado com querer ser doente, a vida simples como dantes era reprovável, não representava as bênçãos de Deus na vida do ser humano. Em Leff (2006), encontramos a incompatibilidade entre essa Racionalidade e a Racionalidade Ambiental que na sua perspectiva: põe em jogo o valor da teoria, ética e significados culturais no mundo, na invenção de uma nova racionalidade social, onde prevalecem os valores da diversidade e da diferença, contra a homogeneização do mundo, o ganho econômico, o interesse prático e a submissão dos meios a fins previamente traçados pela visão utilitarista do mundo (p.16). O saber ambiental orienta uma nova racionalidade para os “fins” da sustentabilidade, equidade e justiça social.

É preciso pensar o mundo por meio da diversidade (indígenas, camponeses, etc.), para tornar a vida na terra sustentável, como seres humanos levamos a responsabilidade de repensar a nossa compreensão de mundo e do modo como interpretamos a dominação da natureza como única e exclusiva para o nosso desfrute, é preciso voltar o olhar para o antes, na qual as necessidades materiais eram supridas de modo harmônico possibilitando a regeneração dos recursos naturais como evidenciamos no trecho descrito: muitos pastores, com as suas esposas e filhos, usavam sapatos de couro curtido por eles mesmos, com roupas que não haviam tocado em nenhuma mão, exceto a deles, e cujo material eles haviam esquilados das ovelhas ou obtidos dos campos de linho que cultivaram, quase nenhum item adquirido comercialmente entrou na confecção de roupas, exceto o furador, a agulha, o dedal e muito poucas partes do artefato de ferro usado para tecer, as mulheres obtinham tinturas de árvores, arbustos e ervas, etc. (Marx, 2009, P. 591). Encontramos nessa passagem contada por Marx o bucolismo da produção simplória e ambientalmente amigável que se praticava antes do advento da Revolução Industrial no século XVIII, que abriu as portas para o que hoje conhecemos como crise ambiental, que também é uma crise civilizatória que tem como causa como afirma Leff em entrevista a Sofia Ávila Calero (2015), o modo de entendimento do mundo, da desarmonia entre a forma de pensar e de intervir na natureza e nas próprias condições de sustentabilidade da vida.

Produção capitalista e a incompatibilidade com a sustentabilidade

O princípio da grande indústria, ou seja, o dissolver em si e para si mesmo todo o processo de produção nos seus elementos constituintes e, sobretudo, fazê-lo sem levar em conta a mão humana criou a ciência moderna que para Marx (2009, p.592) é a tecnologia. O processo civilizatório moderno produz uma reação em cadeia que descontrola toda a possibilidade de controle da natureza por meio de um gerenciamento científico do ambiente (LEFF, 2006, p.21). O pensamento de Leff nos leva a ponderar sobre como vivemos no mundo e qual é a nossa visão sobre o capitalismo e as formas de produção insustentáveis que destroem a natureza para satisfazer, não somente as nossas necessidades básicas de consumo, mas nos leva ao consumismo, interpretado como qualidade de vida na atualidade.

Para Marx (2009, p. 623), O crescimento populacional em grandes centros pela produção capitalista, acumula a força motriz da sociedade e atrapalha o metabolismo entre o homem e à terra, o retorno ao solo dos elementos constituintes do solo que foram consumidos pelo homem na forma de alimentos e roupas, um retorno que é uma condição natural da fertilidade permanente. No qual vemos consolidado o pensamento de Francis Bacon no livro *Novo Organum*, de 1620, quando diz que se busca acima de tudo fazer com que a natureza atenda às necessidades e às comodidades humanas, onde entendê-la abre caminho para a sua dominação transformando-a em “máquina” (BACON, 2002, p. 122). O conceito de ser humano como dominador, ser supremo da natureza e dos recursos naturais se materializa no modo de produção capitalista, levando ao enfraquecimento das antes consideradas por Marx (2009, p. 625) fontes de toda a riqueza: à terra e o trabalhador.

Na sequência, Weber (2001, p. 46) descreve um exemplo da vida empresarial praticada, por volta da metade do século XIX, em que a produção artesanal e o trabalho para subsistência eram vistos como ideais:

Os camponeses vinham à cidade onde morava o empresário trazendo seus tecidos produzidos em grande parte ou inteiramente com matéria-prima manufaturada por eles próprios. Os fregueses do empresário, seus intermediários para todos os mercados mais distantes, vinham igualmente até ele para comprar, na maioria das vezes não pelas amostras, mas pela tradição de qualidade, ou então, faziam a encomenda que, se fosse o caso, era repassada aos camponeses. A visita pessoal à clientela era feita, com longos intervalos, bastando de início a troca de correspondência e o envio de amostras, prática essa que se difundiu pouco a pouco e cada vez mais. Poucas horas no escritório, modesto: talvez cinco ou seis horas por dia, e na temporada, se temporada houvesse, mais; os ganhos, razoáveis, suficientes para levar uma vida decente e até fazer um pé-de-meia; no geral, um clima de grande cortesia entre os concorrentes; generosa visita diária à taberna ou ao café para o trago do fim da tarde e o encontro com os amigos.

Na agricultura, como na manufatura, a transformação capitalista do processo de produção aparece ao mesmo tempo que o martírio dos produtores artesanais (Marx, 2009, P. 623). Se caracteriza como uma quebra do vínculo existente entre a agricultura familiar e a produção artesanal que utilizava técnicas rústicas em ambas as situações agora substituídas pela produção em massa. A alienação e a incerteza do mundo econômico, arrastada por uma racionalidade insustentável e por um processo de produção incontrolável direciona à morte entrópica do planeta (Leff, 2006, p. 23).

A economia fala de produtividade econômica, a ecologia de produtividade ecológica, em que lugar estaria a conexão entre ambas e quais seriam as condições ecológicas que permitem a produtividade da natureza? Fazendo estes questionamentos (Calero, 2015) Leff começou a vincular a ecologia e a economia. Isto o levou a pensar as limitações da teoria do valor, que é para Vroey (1988), a quantidade de trabalho incorporado na produção dos bens, ou ainda a chave para a teoria da exploração, formando a teoria do valor e a do dinheiro um único objeto. O que abriu um caminho para pensar o ecomarxismo que pensa em como construir uma análise do processo econômico desde as contradições, capital/trabalho e capital/natureza.

Considerações finais

Foi possível identificar a influência que os pensamentos de Foucault exerceram em Leff para o que o autor conformasse o termo Epistemologia Ambiental, vimos a aproximação dos conceitos de epistemologia quando agregamos a ideia de pensar o ambiente de forma integradora e interdisciplinar onde o meio ambiente é o ponto de partida para uma apropriação cultural, social e política dentro dos debates e intercâmbios de saberes sobre sustentabilidade em um sentido de revalorização da natureza nos âmbitos socioambientais e socioeconômicos. Em Max Weber, foi possível identificar as relações de superioridade

e dominação que o pensamento humano mantém sobre os demais seres vivos incluindo o direito a degradação ambiental para satisfazer suas necessidades de consumo, como dada divina e ideal de comportamento da época, esse pensamento contribuiu para que Leff buscasse o antagonismo ao que seria essa Racionalidade impulsionada pelo modo de produção industrial capitalista, atribuindo a qualificação de Racionalidade Ambiental a conexão ser humano/natureza/sociedade conformando os saberes multiculturais que se entrelaçam aos sistemas econômicos da contemporaneidade para seja alcançada a sustentabilidade. Em Marx encontramos a construção desse pensamento de desenvolvimento sustentável de Leff, as indagações que o autor faz de como encontrar o equilíbrio nos processos de produção que envolvem a utilização de matéria prima, extraídas do meio natural e a regeneração da natureza perdida ao incorporar saberes antigos à atualidade, valorizando o saber ancestral, indígena e de povos primitivos, e as formas de ver a natureza não somente como recurso natural, votando-nos ao ser mais que ao ter e pensando o ambiente como parte de nós e vice-versa.

Metodologia

A metodologia utilizada para a realização do trabalho foi a Análise documental, definida como uma operação que visa representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, e tem por objetivo dar forma conveniente de representação dessa informação, por intermédio de procedimentos de transformação. O propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, para que este obtenha o máximo de informação (Bardin, 2002). As etapas seguidas foram de seleção dos documentos a serem estudados, primeiramente foi eleito o livro *As Aventuras da Epistemologia Ambiental* do autor Enrique Leff, que retrata os saberes epistemológicos ambientais desenvolvidos pelo autor, a seguinte etapa foi de exploração do material para a seleção dos autores que de acordo com o texto, exerceram influências para a construção do pensamento filosófico e ambiental de Leff e por último a interpretação e descrição de trechos e similitudes nas ideias de Enrique Leff com Michel Foucault, Max Weber e Karl Marx através das respectivas obras: *A Arqueologia do Saber*, *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo* e *O Capital*.

Referências bibliográficas

- Bacon, F. (2002). *NOVUM ORGANUM: Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza*. Madrid: Hogar del Libro.
- Bardin, L. (2002). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, LDA.
- Basso, S. E. (2006). O Conceito de Vocação em Max Weber. *Akr polis: Revista de Ciências Humanas da UNIPAR*, 25-30.
- Cembranel, P. (2015). Teoria da complexidade e racionalidade ambiental: um estudo bibliométrico acerca dos estudos de Leff e Morin. *Ciências Sociais Unisino*, 144-151.
- Foucault, M. (2008). *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Japiassú, H., & Marcondes, D. (2006). Dicionário. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.
- Leff, E. (04 de agosto de 2015). Entrevista a Enrique Leff Ecologia Política. (S.  . Calero, Entrevistador)
- Leff, E. (2004). Racionalidad ambiental y diálogo de saberes. Significancia y sentido en la construcción de un futuro sustentable. *Polis. Revista Latinoamericana*, 7. <http://journals.openedition.org/polis/6232>
- Leff, E. (2004). *Racionalidad ambiental: la reapropiación social de la naturaleza*. México: Siglo XXI.
- Leff, E. (2009). Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. *Educa o & Realidade*, 17-24.
- Leff, E. (2006). *Aventuras de la Epistemolog  Ambiental: de la articulación de ciencias al diálogo de saberes*. México: Siglo XXI.



Bogotá, 13 a 15 de octubre de 2021
Modalidad On Line – Sincrónico

Revista *Tecné, Episteme y Didaxis: TED*. Año 2021. Número Extraordinario. ISSN impreso 0121-3814. E-ISSN 2323-0126.
Memorias del IX Congreso Internacional Sobre Formación de Profesores de Ciencias.

Lema.

¿Cuál educación científica es deseable frente a los desafíos en nuestros contextos latinoamericanos? Implicaciones para la formación de profesores.

-
- Marx, K. (2009). *El Capital: crítica de la economía política el proceso de producción de capital*. México: Siglo XXI.
- Sossa, A. R. (2009). Cuerpo y sociología. Reflexiones sobre el cuerpo en la teoría sociológica clásica: exploración al pensamiento de Marx, Durkheim y Weber. *Cultura y Religión*, 172-190.
- Vroey, M. D. (1988). La teoría marxista del valor: Balance crítico de los debates reciente. *Lecturas de Economía*, 73-110.
- Weber, M. (2001). *La Ética Protestante y el Espíritu del Capitalismo*. Madrid: Alianza Editorial.